

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PEDAGOGIA

JAMILE NAVARRO PENHA

**A IMPORTÂNCIA DO DESENHO E SUAS FASES NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

MARINGÁ

2021

JAMILE NAVARRO PENHA

**A IMPORTÂNCIA DO DESENHO E SUAS FASES NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Me. Simone Sartori Jabur

MARINGÁ

2021

JAMILE NAVARRO PENHA

Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso”, do curso de Pedagogia, modalidade presencial, da Universidade Estadual de Maringá.

Orientação: Me. Simone Sartori Jabur

BANCA EXAMINADORA

Profª. Me. Simone Sartori Jabur
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Profª. Drª. Rubiana Brasilio Santa Bárbara
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Profª. Drª. Vanisse Simone Correa
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR (Campus EMBAP)

MARINGÁ

2021

PENHA, Jamile Navarro. **A importância do desenho e suas fases no processo de desenvolvimento da escrita na educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá.

Orientadora: Me. Simone Sartori Jabur. Maringá, 2021.

RESUMO

Não por acaso, o desenho é uma das formas de expressão da criança. Como parte essencial da sua forma de expressão, muito antes de escrever, a criança já realiza rabiscos, faz traços com o lápis no papel e é por meio do desenho que a criança se expressa, cria e recria individualmente, a partir de sua sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação. Porém, diante disso buscamos entender a importância do desenho e suas fases no processo de desenvolvimento da escrita na educação infantil, com a problemática temos: Qual é o papel do desenho infantil no processo de ensino/aprendizagem da escrita? E como ele é compreendido por autores como Victor Lowenfeld e Lev S. Vigotski? O objetivo geral é pesquisar o papel do desenho no processo de desenvolvimento da escrita da criança na Educação Infantil, e os objetivos específicos: Analisar as concepções teóricas de Viktor Lowenfeld e Lev Vigotski sobre o desenho; Discorrer sobre as fases do desenho segundo Victor Lowenfeld; Compreender de que forma o desenho pode ser utilizado em sala de aula no desenvolvimento da escrita. A análise será baseada em obras e textos dentre eles são: "A criança e sua arte" de Lowenfeld (1977); "Desenvolvimento da capacidade Criadora" Lowenfeld (1995) "Imaginação e criatividade na infância" de Vigotski (2014), "Didática dos níveis pré-silábicos" Esther Pillar Grossi (2010) e "O desenho Infantil" Nancy Rabello (2019) entre outros. Portanto, as artes plásticas e principalmente o desenho, constituem sempre um desafio quando os professores percebem a necessidade de trabalhar o desenho em sala de aula de forma a ampliar a criatividade, acuidade estética, motricidade da criança e principalmente a escrita.

Palavras-Chave: Desenho, Lowenfeld, Vigotski, escrita.

PENHA, Jamile Navarro. **The importance of drawing and its phases in the process of development of writing in early childhood education.** Course Conclusion Paper (Graduation in Pedagogy) - State University of Maringá. Advisor: Me. Simone Sartori Jabur. Maringá, 2021.

ABSTRACT

It is not by chance that drawing is one of the child's forms of expression. As an essential part of his form of expression, long before writing, the child already makes doodles, makes strokes with the pencil on paper and it is through drawing that the child expresses himself, creates and recreates individually, based on his sensitivity, perception, reflection and imagination. However, in view of this, we seek to understand the importance of drawing and its phases in the process of development of writing in early childhood education, with the problem we have: What is the role of children's drawing in the teaching / learning process of writing? And how is it understood by authors such as Victor Lowenfeld and Lev S. Vigotski? The general objective is to research the role of drawing in the development process of children's writing in Early Childhood Education, and the specific objectives: To analyze the theoretical conceptions of Viktor Lowenfeld and Lev Vygotsky on drawing; Discuss the phases of the drawing according to Victor Lowenfeld; Understand how drawing can be used in the classroom in the development of writing. The analysis will be based on works and texts among them are: "The child and his art" by Lowenfeld (1977); "Development of the creative capacity" Lowenfeld (1995) "Imagination and creativity in childhood" by Vigotski (2014), "Didactics of pre-syllabic levels" Esther Pillar Grossi (2010) and "The children's drawing" Nancy Rabello (2019) among others Therefore, the visual arts and especially drawing, always constitute a challenge when teachers perceive the need to work drawing in the classroom in order to increase creativity, aesthetic acuity, the child's motor skills and especially writing.

Keywords: Drawing, Lowenfeld, Vigotski, writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	3
1. OS TEÓRICOS DO DESENHO INFANTIL: VIKTOR LOWENFELD E LEV VIKOTSKI.....	7
1.1. L.S, Vigotski e o desenho infantil.....	7
1.2. Viktor Lowenfeld e o desenho infantile.....	14
2. O PAPEL E AS FASES DO DESENHO INFANTIL PARA VIKTOR LOWENFELD.....	17
2.1 Garatuja de 2 a 4 anos.....	21
2.2 Garatuja desordenada.....	22
2.2.1 Garatuja controlada.....	22
2.2.2 Atribuições de nomes às garatuja.....	23
2.3 Pré-esquemática de 4 a 7 anos.....	24
2.4 Esquemática de 7 a 9 anos.....	25
3. O DESENHO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA ESCRITA....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

As primeiras formas de expressão ao longo da história humana ocorreram por meio de pinturas e desenhos rupestres, acerca de 44 mil anos atrás. Nesses desenhos o homem expressa o seu meio, sua forma de subsistência e compõem um conjunto de representações de extremo realismo. Sendo assim, podemos considerar que o desenho é parte intrínseca do homem e que representa uma das principais formas de expressão. Quem desenha o contorno de antílopes que pastam, no intuito de comunicar aos seus semelhantes: “Aqui há lugares para caçar”, está escrevendo, está exercitando a escrita pictórica. Escrita essa praticada, posteriormente adaptadas, por povos babilônicos e egípcios e que veio há ser a origem da escrita chinesa atual.

Mas, o que seria o desenho? Segundo Victor Papanek (1995) é a arte de reproduzir sobre uma superfície bidimensional por meio de linhas, objetos, ideias ou emoções. O desenho precede a pintura, a escultura e a gravura, o desenho é considerado uma arte básica. Como forma de expressão o desenho é o meio de registrar alguns acontecimentos e comunicar uns aos outros as suas ideias.

Ao que se refere à definição de desenho, Moreira (1999), afirma que é a possibilidade de lançar-se pra frente, projetar-se. A palavra desenho tem originalmente um compromisso com a palavra *designo* (plano, intenção, objetivo, propósito) o desenho se aproxima da noção de projeto.

Não por acaso, o desenho é uma das formas de expressão da criança. Como parte essencial da sua forma de expressão, muito antes de escrever, a criança já realiza rabiscos, faz traços com o lápis no papel e é por meio do desenho que a criança se expressa, cria e recria individualmente, a partir de sua sensibilidade, percepção, reflexão e imaginação.

Porém, diante disso buscamos entender a importância do desenho e suas fases no processo de desenvolvimento da escrita na educação infantil, como problemática temos: Como o desenho é compreendido por autores como Victor Lowenfeld e Lev S. Vigotski? E qual é o papel do desenho infantil no processo de ensino/aprendizagem da escrita?

Assim sendo, entendemos que o desenho é o caminho que leva a criança ao desenvolvimento da língua escrita, e por meio dele que o professor deve

compreender de que forma o desenho pode ser um processo importante na construção e desenvolvimento intelectual, estético e cultural da criança.

Entender que o desenho é um processo importante e não apenas para ser levado em sala de aula como “passa tempo” e considerar que teóricos, como Viktor Lowenfeld (1977, 1995), apresentam estudos que podem contribuir para a formação dos acadêmicos de pedagogia para compreender o papel do desenho no processo de alfabetização e no caso no desenvolvimento da escrita. Podemos destacar a necessidade no que tange a compreensão da construção do desenvolvimento da escrita na criança, uma vez que por meio da arte a mesma poderá expor seus pensamentos, possibilitando assim a criação de um elo entre a sua imaginação e a realidade, ajudando desta forma em todas as fases do processo ensino/aprendizagem da escrita.

O objetivo geral é pesquisar, por meio da literatura acadêmica, o papel do desenho no processo de desenvolvimento da escrita da criança na Educação Infantil, e os objetivos específicos: Analisar as concepções teóricas de Viktor Lowenfeld e Lev Vigotski sobre o desenho; Discorrer sobre as fases do desenho segundo Victor Lowenfeld; Compreender de que forma o desenho pode ser utilizado em sala de aula no desenvolvimento da escrita.

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa bibliográfica, com fim de alcançar os objetivos deste trabalho. Gil (2002, p.44) caracteriza a pesquisa bibliográfica “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma todos os recursos utilizados para elaboração de tal pesquisa, foram realizados por meio de livros, artigos, etc.

Gil (2002, p.45) continua a explicar sobre suas vantagens: “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

Conforme explica Godoy (1995, p.62) existem diferentes meios para se realizar uma pesquisa qualitativa, então ele enumera algumas características principais e que também identificam uma pesquisa desse tipo.

(1)O ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental; (2) O caráter descritivo; (3) O

significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida com preocupação do investigador; (4) Enfoque indutivo. (GODOY, 1995. p.62)

As características citadas acima se encaixam no tipo de pesquisa que foi realizada, por meio de recursos bibliográficos para sua realização. Como a problematização é sobre a importância do desenho e suas fases no processo de desenvolvimento da escrita na educação infantil, fica evidente que foram utilizados para esse fim materiais que possibilitaram a análise sobre o desenho, como em livros, artigos de teóricos que publicaram sobre o tema.

Com a finalidade de compreender como o desenho pode auxiliar no desempenho do aluno no processo de alfabetização foram utilizadas, para a realização da pesquisa, fontes que irão visar às concepções teóricas de Viktor Lowenfeld (1977, 1995) e Lev Vigotski (2014), Nancy Rabello (2019) e Esther Pillar Grossi (2010) que possibilitaram um entendimento sobre o tema em questão.

Foram selecionados artigos que estejam nos sites de busca por meio de plataformas como: CAPES, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Scielo e Google acadêmico dos últimos 10 anos que tratam do tema, na perspectiva dos autores acima citados e também aqueles que fazem relação com as fases do desenho e serão utilizadas palavras-chave como: desenho, infantil, alfabetização; Lowenfeld, Vigotski, fases e etc.

A seleção de descarte foram de livros e artigos que não contribuem para a compreensão do intuito do estudo, também pesquisas que tratam superficialmente sobre o tema, e livros e artigos que não trate das fases do desenho, que não utilizaram nenhum dos teóricos citados já acima.

A análise foi baseada em livros e textos dentre eles são: "A criança e sua arte" de Lowenfeld (1977); "Desenvolvimento da capacidade Criadora" Lowenfeld (1995) "Imaginação e criatividade na infância" de Vigotski (2014), "Didática dos níveis pré-silábicos" Esther Pillar Grossi (2010) e "O desenho Infantil" Nancy Rabello (2019) entre outros. Tendo em vista os objetivos do estudo o trabalho está dividido em três capítulos:

Primeiro capítulo: as fases do desenho e sua importância para o desenvolvimento da criança segundo concepções teóricas Viktor Lowenfeld e Lev Vigotski sobre o desenho;

Segundo capítulo: as fases do desenho segundo Lowenfeld;

Terceiro capítulo: o desenho no processo de ensino/aprendizagem da escrita.

Finalizando com as considerações finais, com os resultados do que foi proposto nas questões e objetivos.

1. OS TEÓRICOS DO DESENHO INFANTIL: LEV S. VIGOTSKI E VICTOR LOWENFELD.

O desenho infantil, segundo Nancy Rabello (2019), representa a linguagem gráfica da criança, suas características e seu desenvolvimento, a importância das garatujas, dos rabiscos e dos desenhos. É a partir da importância do desenho que podemos conhecer o desenvolvimento motor, suas emoções e sua representação de mundo.

Sendo assim, o desenho passa a ser compreendido como parte do processo de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, portanto necessário para o trabalho pedagógico. Os maiores representantes teóricos do estudo do desenho infantil são: Viktor Lowenfeld e L.S. Vigotski.

1.1. L.S, Vigotski e o desenho infantil

Lev Vigotski foi um psicólogo bielorrusso que realizou diversas pesquisas na área do desenvolvimento da aprendizagem e do papel preponderante das relações sociais nesse processo, o que originou uma corrente de pensamento denominada Sócio Construtivismo.

Lev Semenovitch Vigotski (1896-1934) nasceu em Orsha, pequena cidade perto de Minsk, a capital da Bielorrússia (região dominada pela Rússia que se tornou independente em 1991, com o fim da União Soviética, passando a se chamar Belarus), no dia 17 de novembro de 1896. Filho de uma próspera e culta família judia viveu um longo período em Gomel, também na Bielorrússia. Teve um tutor particular e se dedicou à leitura até ingressar no curso secundário, concluído aos 17 anos com excelente desempenho.

Com 18 anos, Lev Vigotski matriculou-se no curso de Medicina, mas em seguida transferiu-se para o curso de Direito na Universidade de Moscou. Paralelamente ao curso de Direito estudou Literatura e História da Arte. Em 1917, ano da Revolução Russa, graduou-se em Direito e apresentou um trabalho intitulado “Psicologia da Arte”, que só foi publicado na Rússia em 1965. Depois de formado, voltou para Gomel, onde além de escrever críticas literárias e proferir palestras sobre temas ligados a literatura e psicologia em várias escolas, publicou um estudo sobre os métodos de ensino da literatura nas escolas secundárias.

Ainda em Gomel, Lev Vigotski fundou uma editora, uma revista literária e um laboratório de psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, onde ministrava cursos de Psicologia. A partir daí, para auxiliar o desenvolvimento dessas crianças, centralizou suas pesquisas na compreensão dos processos mentais humanos. Em 1924, após uma brilhante participação no II Congresso de Psicologia em Leningrado, foi convidado a trabalhar no Instituto de Psicologia de Moscou. Nessa época, escreveu o trabalho “Problemas da Educação de Crianças Cegas, Surdas-mudas e Retardadas”.

O interesse de Vigotski pelas funções mentais superiores, cultura, linguagem e processos orgânicos cerebrais o levaram a trabalhar com pesquisadores neurofisiologistas como Alexander Luria e Alexei Leontiev, que deixaram importantes contribuições para o Instituto de Deficiência de Moscou, entre eles o livro “A Formação Social da Mente” onde aborda os processos psicológicos tipicamente humanos, analisando-os a partir da infância e do seu contexto histórico-cultural.

Entre outros trabalhos de Lev Vigotski destacam-se: “A Pedologia de Crianças em Idade Escolar” (1928), “Estudos Sobre a História do Comportamento” (1930, escrito com Luria), “Lições de Psicologia” (1932), “Fundamentos da Pedologia” (1934), “Pensamento e Linguagem” (1934), “Desenvolvimento da Criança Durante a Educação” (1935) e “A Criança Retardada” (1935).

Lev Vigotski faleceu em Moscou, Rússia, no dia 11 de junho de 1934. Após sua morte, suas ideias foram repudiadas pelo governo soviético e suas obras foram proibidas na União Soviética, entre 1936 e 1958, durante a censura do regime stalinista. Em consequência, seu livro “Pensamento e Linguagem” foi lançado no Brasil somente em 1962 e “A Formação Social da Mente” foi lançado em 1984.

Vigotski na sua obra “Imaginação e criatividade na infância” (2014) apresenta concepções do desenvolvimento e da natureza da imaginação artística nas crianças como expressões criativas no desenho, na escrita e no teatro.

Para Vigotski, na obra “Imaginação e criação na infância” (2014), o desenho é a forma preferencial de atividade artística das crianças em idade pequena e com o passar da idade, vai se perdendo o interesse pelo desenho. Vigotski (2014) apresenta autores que pesquisaram o desenho infantil e os estágios em que a criança começa a desenhar.

O autor também aponta teóricos que explicam as diversas fases na qual a criança passa em relação ao desenho.

O autor apresenta a pesquisa de Herman Lukens que descreve os resultados obtidos sobre o desenho infantil e compara o desinteresse pelo desenho com crianças entre dez e quinze anos, e que após esse período, que é entre quinze aos vinte anos, surge novamente o interesse pelo desenho, porém apenas se manifesta em crianças com talento artístico. É apontado também quando existe o desinteresse em desenhar a criança deixa de fazê-lo pelo resto da vida e que o desenho de um adulto não é muito diferente de uma criança de oito/nove anos, mais ou menos na idade em que a vontade pelo desenho esfria.

Vigotski (2014) completa que esse desinteresse pelo desenho ocorre com crianças e esconde a transição da habilidade para o novo estágio do desenho, ou seja, para um estágio superior do seu desenvolvimento e que esse estágio superior só é possível para crianças que são estimuladas de forma correta. O autor traz exemplos como a aprendizagem do desenho na escola e também quando a criança é estimulada com acesso a modelos artísticos em casa.

A obra de Vigotski (2014) também apresenta os estudos desenvolvidos por outro pesquisador, Georg Kerschensteiner, esse autor estuda fase em que a criança começa realmente a desenhar, tirando aquela fase da garatuja dos traços desorganizados, ele vai analisar sobre o estágio do esquema, as particularidades, nesse momento é quando a criança começa a desenhar a partir de sua memória, ele dá o exemplo de um psicólogo que pediu para uma criança desenhar sua mãe, mas o que foi observado é que aquela criança em momento algum olhou para sua mãe para realizar o seu desenho, o que ela desenhou foi a partir daquilo que ela sabia sobre as suas características, ou seja, a partir de sua memória.

No capítulo 8 intitulado “O desenho na infância” para Vigotski (2014) a criança, no estágio de esquema, começa a desenhar a partir da sua memória, que acaba não desenhando aquilo que vê, mas sim aquilo que não se vê, como exemplo (2014, p.97):“Quando uma criança desenha um cavaleiro montado num cavalo de perfil, desenha de modo claro as duas pernas do cavaleiro, embora para o observador, a partir daquele ponto, seja visível apenas uma perna.”

Dessa forma, a criança vai trazer elementos que ela sabe que existem, mas que não são vistos pela forma como o desenho está estruturado e muitas vezes a criança acaba deixando passar certos aspectos dos desenhos que são visíveis, para acrescentar outros que estariam “escondidos” no desenho e que todos sabemos que existe, mas que não é necessário desenhá-los.

Vigotski (2014, p. 98) apresenta o pensamento de Bühler em que concorda:

[...] o esquema da criança é muito concreto, porque os esquemas, tal como os conceitos eles contêm apenas características permanentes e fundamentais dos objetos. Quando a criança desenha, desenha o que sabe sobre o objeto e não o que vê. Por isso ela frequentemente desenha coisas que não vê e, por outro lado, deixa de fora muito do que indubitavelmente vê porque, para ela, não é o elemento essencial para o objeto considerado.

Diante disso, o que foi constatado pelos psicólogos, como explica o autor, é que nesse período a criança, ao desenhar, está fazendo um relato gráfico a respeito do objeto que está retratando e a explicação é que o desenho de memória é visto como um relato gráfico, porque a criança vai fazer as suas enumerações dos detalhes de acordo com o que sabe sobre o objeto que está desenhando, sobre os detalhes já observados por ela.

Ao desenhar, a criança imagina o objeto de seu desenho, posto isso, ela vai compor seu desenho conforme o imagina, é como estivesse retratando-o e dentro dos seus desenhos ela pode omitir algumas partes e considerar outras.

O próximo estágio é o estágio da forma e da linha, nessa fase, como explica Vigotski (2014), a criança gradativamente evolui, tendo suas necessidades modificadas passam não só a nomear características concretas do objeto descrito, mas a pensar sobre como estão relacionadas à forma entre as partes dos objetos.

Nesse segundo estágio de desenvolvimento do desenho infantil observa-se uma mistura da representação formal e representação esquemática; os desenhos são ainda esquemáticos, mas neles detectam-se já os primórdios da representação verdadeira e reprodutiva da realidade. (VIGOTSKI, 2014, p.99)

Dessa maneira, nessa etapa, a criança retrata formas, características mais singulares em seus desenhos, essa fase já é diferente da anterior, os aspectos principais são os detalhes, ou seja, nesse estágio o desenho vai se parecer mais com o real, em como o objeto é de fato.

O terceiro estágio Vigotski (2014, p. 100) "...segundo Kerschensteiner, é o da representação realística, no qual o esquema desaparece totalmente dos desenhos das crianças". Ele explica, que nessa fase, o desenho começa a ter contorno e que ao desenhar algum objeto continua a desenhá-lo no plano, a criança ainda não tem a representação da plasticidade do objeto.

E continua Vigotski a desenvolver a sua análise com base Kerschensteiner, que não são muitas as crianças que passam do terceiro estágio sem a ajuda do professor.

Antes dos dez anos de idade podemos encontrar excepcionalmente essas crianças, mas a partir dos onze anos de idade começa a surgir uma porcentagem determinada de crianças capazes de representar os objetos na sua totalidade. (VIGOTSKI, 2014, p.100).

Portanto, a criança dos onze anos em diante vai conseguir expressar, por meio do seu desenho, os objetos que deseja caracterizar em sua universalidade.

Partindo para o quarto estágio, em que se caracteriza pela representação plástica, Vigotski (2014, p.100), a criança irá apresentar alguma forma de realismo: “...algumas partes dos objetos são representadas de modo expressivo com a utilização da luz e da sombra; surge à perspectiva, sugerem-se os movimentos e mais ou menos a impressão plástica e tridimensional do objeto.” Nessa etapa, como podemos perceber, ao desenhar a criança tem mais autonomia, sua noção sobre si e sobre os outros objetos que a cercam são mais desenvolvidas e por isso mais ricas em detalhes.

Os quatro estágios de desenvolvimento dos desenhos infantis, como salienta o autor, são notáveis as reproduções da figura humana ou de algum animal, sendo destacados como os temas mais preferidos dos desenhos infantis.

Retomando os estágios, no primeiro estágio é notável ver nos primeiros desenhos a ilustração esquemática da figura humana, quase sempre delimitada a representação de duas ou três partes do corpo, aos poucos esses esquemas vão se tornando mais ricos em detalhes, como explica o autor. No segundo estágio é possível, mais uma vez, notar que as representações continuam esquemáticas, “em raios-X” (2014, p 101), apesar de que nessa fase os desenhos são cheios de detalhes, mas continuam no primeiro estágio com características esquemáticas. O que se observa é que por mais que as ilustrações são ricas na forma como são representadas, os objetos com suas características formais, o esquema ainda é existente nos desenhos.

E os desenhos do terceiro estágio, os contornos e planos da imagem se caracterizam, visando destacar os pontos reais do objeto, Vigotski (2014, p.102) “a criança desenha o que vê, transmite a ideia de postura e de movimento e considera o ponto de vista do observador; o esquema está agora completamente ausente no

seu desenho.” Com isso, o esquema não faz mais parte do desenho nesse terceiro estágio. Como explicita o autor (2014) o quarto estágio salienta a maneira como o objeto é representado em sua forma plástica (tridimensional).

No decorrer do texto podemos perceber em um dado momento que a criança irá desenhar através da sua memória a cerca do que ela lembra sobre o objeto que está desenhando e depois passa a desenhar a partir daquilo que vê, ela representa no desenho a forma real de como vê o objeto e por esse motivo Vigotski (2014) salienta que se esperava que o desenho da observação fosse mais fácil que o desenho de memória.

No entanto, as experiências e a análise dos dados disponíveis mostram que o desenho de observação, a representação real do objeto, é apenas um estágio superior e mais aperfeiçoado do desenvolvimento do desenho infantil; é um estágio que apenas algumas crianças alcançam. (VIGOTSKI, 2014, p.103)

O incentivo ao desenho não é comum, por isso muitas das vezes a criança não passa para esse estágio superior, para o autor crianças que passam para este estágio têm aptidões/talentos para o mundo artístico.

Vigotski (2014) apresenta, também, Anatoli Vassilevitch Bakushinsky que estudou sobre o desenho das crianças e discutiu que no primeiro momento a criança desenha o mundo que a cerca, suas compreensões são visuais, mas também táteis em relação a sua orientação sobre seu mundo. Seu progresso baseia-se em seu ponto de vista sobre o mundo e que conseqüentemente vai aumentando, com isso os desenhos vão se tornando mais conscientes, mas as referências, tanto táteis como motrizes, são visuais.

Vigotski (2014) aponta que a evolução da criança caminha em direção a visão no domínio do seu próprio mundo, e vai relatar que conforme Bakushinsky esse novo período se dá com a diminuição da sua atividade exterior e fortalecimento da sua atividade mental, que então vai começar uma fase analítica e racional do desenvolvimento infantil, que vai até o final da infância ou por vezes até o início da adolescência.

Dessa forma, o autor quer dizer que a criança volta a se interessar pelo processo pelo qual desenha, mas não se interessa por sua própria ação. Assim, Vigotski (2014, p.105) vai completar que:

A criação imaginativa do adolescente, nesse período, tende para uma forma ilusória e naturalista da representação. Ele faz as coisas tal como estas são na realidade, o aparelho visual permite-lhe dominar os métodos da representação do espaço através do uso da perspectiva.

Por isso, é possível analisar que essa nova forma de desenhar do adolescente está ligada com as mudanças que acontecem no comportamento do adolescente, e Vigotski (2014, p. 105) vai comentar que “ O desenho não é mais uma atividade intensa, espontânea, voluntária, quer dizer, uma ação espontânea da criatividade infantil, mas da criatividade associada à habilidade, de hábitos artísticos de terminados, da disponibilidade de materiais, etc.”

Assim, conforme a criança vai crescendo entrando na adolescência o ato de desenhar não está mais relacionado como uma atividade para expor seus pensamentos, sentimentos de forma espontânea e etc, mas sim de forma que se relaciona com talento, aptidão artística e etc.

Dessa maneira, o autor (2014) aponta que diante das contribuições feitas no decorrer do texto podemos compreender os quatro estágios com relação às idades, da seguinte forma:

[...] vemos que todas as crianças de seis anos de idade se encontram no primeiro estágio, puramente esquemático. A partir dos onze anos a presença dos esquemas torna-se mais rara, os desenhos se aperfeiçoam e, a partir dos treze, surge o desenho real, no sentido mais pleno do termo.(VIGOTSKI, 2014, p.105)

É importante ressaltar como aponta Lev Vigotski (2014) que as cores e os desenhos despertam no adolescente algo vai dizer algo para ele, sendo assim ele está adquirindo uma nova linguagem “que amplia os seus horizontes, aprofunda os seus sentimentos e lhe permite expressar nas imagens aquilo que de algum outro modo pode ter sido trazido à sua consciência.” (p.107)

Por isso, também a importância de se utilizar novos materiais para estimular a imaginação, como tintas, lápis, barro, carvão, pincel, sendo incentivo para os adolescentes mudando sua perspectiva sobre a arte e alimentando a criatividade ocasionando, assim, a produção artística.

As técnicas, conforme vai explicar o autor, também são relevantes para se ensinar aos adolescentes, pois durante a criatividade ao realizar um desenho em uma produção artística é importante conhecer técnicas que podem ajudar também

durante a criação. Vigotski (2014), vai relatar que nos seus estudos, autores vão expor que as crianças que tiveram experiências, por exemplo, com o bordado; escultura em madeira; pintura de quadros; brinquedos; costura e a carpintaria, tiveram uma experiência mais positiva, resultando assim em um trabalho gostoso de se realizar e com sentido.

Portanto, Vigotski (2014) vai dar ênfase na importância de se estimular a criação artística em idade escolar, a finalidade educacional mais expressiva do trabalho pedagógico com o objetivo de preparar a criança para o futuro. Vigotski (2014, p. 112) finaliza dizendo que: “[...] o exercício da criatividade constituem-se como a principal força no processo de concretização desse objetivo. A formação de uma personalidade criativa, projetada para o futuro, prepara-se através da imaginação criativa materializada no presente”. Desse modo, formar crianças que usem a imaginação, que consigam criar e recriar seus desenhos, que se aperfeiçoem, por meio, de sua imaginação e que também possam ter a oportunidade de conhecer algumas técnicas de desenho é de muita importância e vai fazer muita diferença na formação da criança e no seu desenvolvimento.

1.2. Viktor Lowenfeld e o desenho infantil

Viktor Lowenfeld (1903-1960) nasceu em Linz, na Áustria, Lowenfeld sempre foi atraído pelo mundo das artes e foi inserido na música e no desenho em uma idade precoce, começou a tocar violino e pintar com 9 a 10 anos. As exposições de artes visuais performáticas, levou-o a uma carreira dedicada à prática da educação e a arte a si mesmo e ao público. Graduou-se na faculdade de Artes Aplicada e mais tarde recebeu seu doutorado em Educação pela Universidade de Viena. Lowenfeld serviu como professor de escola primária e secundária, atuando, também, como diretor de arte no Instituto dos Cegos. Para o autor, um bom ensino é feito por um bom diálogo, com um viés expressionista forte.

Segundo Lowenfeld (1977) cada criança possui suas peculiaridades e essas fazem dela um ser único e rico em espontaneidade, vendo o mundo de forma diferente do que o adulto lhe apresenta, transforma pequenos momentos em grandes desenhos recheados de histórias, que a sua imaginação cria a partir de suas experiências.

Ora, o maior prazer para uma criança é possuir uma folha em branco e um lápis, ela se sente livre para criar e demonstrar algo de sua autoria, a escolha das cores, a escolha dos personagens, a paisagem ideal.

Ao analisar o desenho produzido por uma criança é possível encontrar informações de sua vida, de seus gostos, novidades de suas experiências e com isso, o professor, por ser um dos primeiros a ver essas obras, deve estimular o aluno a produzir mais.

Segundo Lowenfeld (1977) a criança se doa quando desenha e isso é essencial para compreender o desenvolvimento emocional, pois nesse momento, ela retrata as coisas que são significativas para si e até mesmo se retrata. Nenhum treino ou exercício de coordenação motora fará com que a criança expresse sua criatividade. Uma criança segura tem maior capacidade de envolvimento, de concentração e de prazer em criar.

Como nos afirma Lowenfeld e Brittain (1997, p. 19):

O entusiasmo de alguns professores, pela maneira intuitiva como as crianças pintam, leva os a impor lhes seus próprios esquemas de cores, de proporções e da maneira de pintar. Dessa discrepância entre o gosto adulto e o modo como a criança se expressa surge a maioria das dificuldades que impedem as crianças de usar a arte como meio de auto- expressão.

A criança, segundo o autor, deve ser estimulada, porém o professor não deve tirar dela o impulso para criar e desta forma descobrir novos traços, novas misturas para seu desenho, e quando esta se recusa a desenhar é porque já foi reprimida e teve alguma interferência frustrante que não a motivou a dar continuidade.

Um problema comum nas salas de aula, segundo o autor, é julgar a obra da criança pelo padrão cultural de beleza que o professor considera como belo, conduzindo a desvalorização da expressão realizada por parte da criança. Na escola, como a criança tem outras disciplinas, o período destinado ao desenho por parte do professor deve ser orientado didaticamente e planejado com o objetivo compreender a arte como um produto histórico e uma realização social e não mero passa tempo. Na obra de Lowenfeld e Brittain (1977, p.21) fornece uma precisa afirmação da discussão acima:

Toda criança, independente do ponto em que se encontra em seu desenvolvimento, deve ser considerada, acima de tudo, como um

indivíduo. [...] Uma criança expressa os seus pensamentos, sentimentos e interesses nos seus desenhos e nas suas pinturas, e mostra o conhecimento do seu meio nas suas expressões criadoras.

A arte, para a criança, deve ser o resultado de suas experiências e por meio dela tornar o sujeito confiante de suas ações e expressões e ao realizar os seus desenhos a criança percebe um espelho de como se vê e como está inserida no seu mundo.

A criança pequena, que pouco conhece sobre a arte construída no mundo adulto, portanto, necessita de uma base prática para perceber que a arte é uma linguagem e tem o poder criar e desenvolver novas formas e conteúdos na construção de seus desenhos, rabiscos, ou outras formas de expressões artísticas.

O professor, como mediador, dentro da sala de aula, inconscientemente esgota em apenas desenvolver certas capacidades das crianças, acabando por tornar a aprendizagem limitada e sem sentido, porém ao desenvolver um planejamento com objetivos definidos, o professor pode proporcionar descobertas enriquecedoras contribuindo para a formação completa do sujeito social e cultural.

No desenvolvimento, a criança, ao construir um desenho, os diferentes rabiscos que ela produz é interessante observar que cada produção de uma criança é única e envolve características próprias de seu criador e de sua evolução social e biológica.

Como diz Lowenfeld e Brittain (1977, p.35):

[...] de milhares desenhos feitos por crianças, jamais existem dois que sejam idênticos. Cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo.

Portanto, os desenhos são as memórias da criança e seus gestos ou ações, por meio deles ela demonstram fatos vivenciados até mesmo seus sonhos e fantasias e desejos. A criança é um ser sensível que representa seu interior de emoções, o qual não reproduz somente da forma oral.

No próximo capítulo discutiremos o papel e as fases do desenho em Lowenfeld.

2. O PAPEL E AS FASES DO DESENHO PARA VICTOR LOWENFELD.

Conforme, Lowenfeld (1977) o que deixa uma criança feliz ou não por exemplo, não depende de influências externas, mas sim de sua disposição infantil, concluindo que o ambiente em que a criança cresce e também a conduta em que seus responsáveis têm com a criança em frente às necessidades da mesma têm imensa relevância.

O autor aponta as atividades criadoras das crianças e salienta que quando a criança desenha algo é porque está em seus pensamentos sendo relevante para ela e, por isso, desenha e completa "... o processo do seu raciocínio, sua habilidade para pensar e absorver-se em alguma coisa ficam estimulados" (LOWENFELD, 1977, p. 13)

Lowenfeld (1977) descreve dois fatores importantes para o desenho das crianças, primeiro seu conhecimento das coisas e segundo a sua relação própria, individual, para com elas.

Para o autor, a arte para criança é muito mais do que apenas desenhar por desenhar, é local onde apresentar "[...] o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções" (1977, p.19) quando não cabem as palavras o uso do desenho é forma pela qual se expressam, tentam dizer algo, soltam tudo aquilo que gostariam de falar, se comunicam por meio do desenho.

O autor aponta que ajudar a criança a fazer seu desenho, ou mostrar que ela não é capaz de concluir seus próprios desenhos, ocasionaria na criança o sentimento de falta de confiança para criar seus desenhos. Segundo Lowenfeld (1977, p.30)

Constitui uma interferência na expressão criadora da criança, em sua liberdade e confiança; como também inibe sua descarga emocional, pode chegar a interferir em sua futura felicidade.

Mas o autor também apresenta que se a ajuda for motivar a criança, seria uma ajuda para fazer a criança refletir sobre sua própria expressão artística. No livro "Desenvolvimento da capacidade criadora" (1995, p. 183) de Viktor Lowenfeld, traz exemplos de como motivar a imaginação da criança, o exemplo é sobre flores e as perguntas feitas são as seguintes: "Maria, que sente você, quando colhe flores? Você já despetalou uma flor ? Você fica em pé ou se abaixa? Como fica seu braço?"

Que flores você colhe?” são esses tipos de indagações feitas que podem ajudar a criança em sua criação, fazendo com que ela reflita sobre essas perguntas, para que assim possa criar.

Há também, na obra, questões sobre o desenho e como a correção, quanto às proporções do desenho, se faz necessário? Quando corrigir? E de que maneiras?

No decorrer do livro o autor traz muitos exemplos de situações com crianças em relação aos desenhos, feitos ou que serão realizados pela criança e sobre qualquer tema, Lowenfeld apresenta o contexto do que a criança está criando.

E diante disso Lowenfeld (1995) explica que em diversas situações a criança vai realizar desenhos, que para “nós” adultos vão parecer errados, mas ele lembra, que dependendo da situação o que é certo e errado mudam dependendo de onde se emprega e também diante de coisas diferentes.

Então Lowenfeld questiona (1977, p. 31) “Devemos pintar as coisas, segundo nos parecem na realidade ou de acordo com a importância que têm para nós?” Porque é assim que a criança pinta, conforme a importância e significado para ela, o autor argumenta que é exatamente essa questão que se aplica quanto às proporções na atividade criadora da criança.

Nos desenhos infantis, as proporções mudam como um todo ou uma parte, de acordo com sua importância. Se formos corrigi-las iremos interferir no toque emocional que a criança dedica às coisas cujas dimensões exagera. (LOWENFELD, 1977, p. 31)

Ainda, quando o adulto corrige a criança que algo em seu desenho está fora de proporção, é como se houvesse um padrão e que o adulto aceita esse padrão visual, fazendo com que o visual do desenho tenha que ser igual aos outros ou tenha os mesmos padrões, podendo assim, fazendo com que a criança se torne inibida.

Lowenfeld (1977) questiona “[...] então nunca deveríamos corrigir as proporções?” A reflexão que faz é que se a criança estiver satisfeita com seu desenho com o que conseguiu expressar por meio dele, não se deve intervir.

E quanto ao elogiar aos trabalhos artísticos da criança, conforme Viktor Lowenfeld (1977), apenas se a criança merecer tal elogio caso contrário não há motivos para isso, ele complementa que o elogio quando distribuído incansavelmente para todos pode perder o seu valor, pois, quando o elogio for realmente necessário, para o estímulo e crescimento da criança, ele não terá força

ou validade. O autor explica que o melhor é apenas elogiar quando necessário quando for notável que o desenho merece o elogio e também completa que o incentivo e elogio devem variar conforme a criança, de acordo com a necessidade de cada uma.

Falamos dos elogios, mas e quanto às críticas? Lowenfeld afirma que tudo aquilo que disse a respeito dos elogios se emprega mais ainda às críticas dos trabalhos da criança. Lowenfeld (1977, p.34) “Uma vez que nossas opiniões se baseiam, geralmente, em nosso gosto de adultos podem não ser adequadas às necessidades infantis.” Para o autor precisamos pensar sobre as necessidades infantis, em como elas também alimentam a atividade criadora delas, incentivar é sempre o melhor. Muito dos erros dos adultos é querer encontrar no desenho o que para nós é real e não é assim que funciona com a criança, pois quando ela cria está se expressando, não está pensando em fazer quadros, isso que o adulto deveria ter em mente.

O autor aponta que a crítica quando feita adequadamente, no momento certo, ela auxilia a criança a se encontrar em sua arte, ajudando-a a evoluir. Quando o trabalho está terminado as críticas devem ser evitadas, a opinião positiva ajuda a criança em seu processo de criação.

Sendo assim, nós adultos devemos ter em mente, em relação à criança, e passamos a auxiliar em seu processo de desenvolvimento, e o que consideramos “bonito” ou “feio” e que não podemos interferir no resultado da atividade criadora da criança.

Lowenfeld (1977) aborda as questões em relação aos diferentes níveis como: a criança dos 2 aos 4 anos de idade; dos 4 a 7 anos; a criança dos 7 a 10 anos; a criança dos 10 a 12 anos; a criança dos 12 a 14 anos.

Crianças dos 2 aos 4 anos, Lowenfeld explica, que as primeiras formas de demonstrar algo é por meio do movimento corporal. De acordo com o “A criança e sua arte” (1977), nessa faixa etária dos 2 anos que a criança já inicia a traçar linhas no papel, no momento em que segura um lápis e é esse momento conhecido como garatuja e que devemos deixá-los fazer aquilo que estão sentindo, expressar as emoções.

Segundo o autor (1977), conforme a criança vai rabiscando ela irá perceber que pode fazer movimentos e traços no papel, de acordo com sua vontade.

Sentirá que pode até mesmo controlar o que está criando, e isto lhe proporcionará muita satisfação, fazendo-lhe repetir incansavelmente. A experiência que realiza, ao dirigir e controlar os movimentos dos traçados das linhas, dá-lhe grande confiança. (LOWENFELD, 1977, p.93)

Esse sentimento de confiança é importante para que a criança possa ser motivada a expressar os movimentos realizados, segundo Lowenfeld (1977, p.93) “[...] estão baseadas na coordenação, aparentemente simples, dos movimentos corporais, tais como a marcha, grande parte das atividades manuais, a linguagem etc.”

Partindo do princípio que a coordenação é a base para que possamos realizar as outras atividades, portanto é importante a estimulação, nesse sentido, para que no futuro, quando a criança for alfabetizada sua base seja forte e consistente, na verdade é um processo até a alfabetização, pelo qual é importante a criança passar tendo os estímulos corretos de acordo com cada fase e faixa etária.

O autor afirma, que é importante não apressar a criança ou corrigi-la por estar fazendo rabiscos, querendo que elas façam algo que não entendem ou que ainda não consigam fazer.

Nessa fase, a criança, por meio de garatujas se manifesta, sobre as garatujas Lowenfeld (1977, p. 96) afirma: “Algumas são firmes e ousadas, demonstrando que foram feitas com movimentos largos, ao passo que outras são delicadas e tímidas, como que a revelar a índole de seus autores.” Cada pintura feita deixa sua marca, tem as características da criança que a fez, por isso deixá-la se expressar é fundamental.

Já com as crianças de 4 a 7 anos, elas não querem mais apenas sair desenhando conforme vem a mente delas, elas querem desenhar de acordo com a realidade, querem demonstrar mais em seus desenhos a realidade verdadeira como salienta o autor.

Conforme a criança cresce, suas vivências e experiências com o meio também se modificam, por isso surge o desejo de desenhar conforme a realidade e que fica mais evidenciado nessa fase. Segundo Lowenfeld:

O menino desenha ou pinta as coisas na ordem que se apresentam em sua mente. Após visitar o jardim zoológico, talvez deseje pintá-lo; no entanto, não pintará uma impressão particular do que viu; apenas fará a enumeração de tudo que recorda, enquanto pinta. (LOWENFELD, 1977, p. 108)

As demonstrações artísticas direcionadas ao público infantil se caracterizam em ações de manipular, cheirar, experimentar, ou seja, são por meio das sensações que promovem a reação da criança com o seu meio e proporcionam um tipo de conhecimento. No desenvolvimento de tais sentidos se constrói experiências únicas para a aprendizagem e à abertura diante dos fenômenos da vida e da necessidade de compreensão.

Considerando as fases do desenho, as expressões gráficas da criança, assim como relatou Lowenfeld e Brittain (1995 p. 115-117):

Embora a criança se exprima vocalmente muito cedo, seu primeiro registro permanente assume, com frequência, a forma de garatuja, por volta dos dezoito meses de idade. Esse primeiro rabisco é um importante passo no seu desenvolvimento, pois é o início da expressão que conduzirá a escrita...

As etapas do desenho infantil de acordo com Lowenfeld nos ajudam a compreender o desenvolvimento da criança, porém ele afirma que é muito difícil perceber a transição dessas etapas e que elas variam de criança para criança. Segue as fases e etapas do desenho segundo Lowenfeld (1977) e Lowenfeld-Brittain (1995):

2.1 Garatuja de 2 a 4 anos

A primeira etapa conhecida como o “Estágio das Garatuja” se inicia aos dois anos de idade, os rabiscos da criança nessa faixa etária podem ser de grande utilidade, caso forem valorizados, são traços que antecedem a forma escrita que a criança construirá quando iniciar sua escolaridade formal.

As inúmeras tentativas de desenhar uma figura para o adulto pode ser inútil, porém, para a criança, até os quatro anos, é um processo construtivo que ela descobre a si mesmo, e tudo que está a sua volta pode ter vida na ponta do lápis.

O artista pode simplesmente desenhar sem nenhum planejamento, ou até mesmo parar, pensar, programar o que irá produzir. Assim é a criança, tem vários planos, mas na tentativa de desenhar acabam apenas produzindo rabiscos, chamados de garatuja.

As garatujas são distribuídas em três grupos segundo Lowenfeld (1977): garatujas desordenadas, garatujas controladas e garatujas com atribuição de nomes e todas estão presentes no desenvolvimento do desenho da criança.

2.2. Garatujas desordenadas

A criança começa a traçar linhas desordenadas e rabiscos de uma forma impulsiva, sem muito sentido, porém para ela é um ato de desafogo naquele pedaço de papel. As garatujas desordenadas são movimentos com o lápis sem direção específica em uma superfície, rabiscos que não exprimem nenhuma figura simbólica, e certamente muita das vezes feita sem que ao menos se fixe o olhar no papel ao garatujar.

Nesta fase da garatuja, a criança anseia por momentos que possa imprimir, onde quer que sejam seus rabiscos, em paredes ou até móveis, desta forma é fundamental que os pais estejam atentos.

A criança quando está nessa fase, quer mais é rabiscar, se não lhe disponibilizar materiais adequados para isso, conseqüentemente, ela procurará outro lugar que não seja um papel para expor seus pensamentos, não adianta repreender a criança já que isso pode causar problemas sérios no seu processo de desenvolvimento causando constrangimento e fazendo com que seu desejo de rabiscar seja inibido, o correto é disponibilizar o material e mostrar a ela onde é seu espaço.

O próprio Lowenfeld cita (1977, p. 101):

Nunca será demais salientar que não se deve “empurrar” a criança para acelerar sua evolução. É ela própria que deve estabelecer seu ritmo; os adultos devem apenas remover os obstáculos que possam surgir no caminho.

Nos momentos da criança garatujar, os adultos devem mostrar o interesse pela produção da criança, sendo algo indispensável, pois é por meio desta atividade que ela terá o entendimento de que seu desenho pode ser uma forma de comunicação.

2.2.1. Garatujas controladas

Após algum tempo, passado a experiência dos rabiscos, a criança perceberá que pode controlar seus movimentos, esses rabiscos produzidos pelas crianças passam por um processo de desenvolvimento e isso lhe trará confiança para que ela continue tendo sua experiência primária com as suas garatujas.

Para Lowenfeld e Brittain (1977, p. 120) a respeito da garatuja desordenada:

Em determinado tempo, a criança descobrirá que existe uma ligação entre seus movimentos e os traços que faz no papel. Isto pode ocorrer, mais ou menos seis meses após ter começado a garatujar. Trata-se de um passo muito importante, pois a criança já descobriu o controle visual sobre os traços que está fazendo.

Para a criança, esta fase é de muita empolgação, pois ela visualiza na sua produção a coordenação motora que possui, tratando-se de uma experiência que incentivará sua criatividade por meio das experiências vivenciadas. Nessa fase ela começa a depositar sentimento naquilo que produz, como afirma Lowenfeld (1977., p. 95) sobre o significado dos rabiscos.

Traçar riscos num pedaço de papel, em qualquer direção, significa para criança, alegria, felicidade, desafogo, e contribui, principalmente, para o domínio de função importantíssima: a coordenação dos movimentos.

A criança faz movimentos repetitivos e casualmente tira a ponta do lápis da superfície para construir um novo traçado, e sim um seguido do outro, cada vez mais desfrutando de todos os limites da página. Contudo, ao manipular frequentemente o lápis ou giz, passa a segurar de forma mais adequada o material com as pontas dos dedos para produzir o desenho.

A fase ordenada faz com que a criança se empolgue em suas produções, e por meio da importância que os adultos, a sua volta demonstram, cada vez mais ela busca a determinação de concluir uma nova obra.

2.2.2. Atribuições de nomes às garatujas

As produções gráficas da criança, nesta fase, são de grande importância, pois é por meio delas que se superam desafios e desenvolvem novas capacidades para enriquecer seus desenhos.

Cada criança desenha de uma maneira diferente, algumas possuem traços largos e grossos, outras traços, mais finos e delicados. Quanto mais ela praticar, mais flexíveis serão os desenhos.

No desenvolvimento do rabisco da criança chega a um momento em que esta atribui nome a suas criações, indicando uma maturação no pensamento da criança.

Assim, como dizem Lowenfeld e Brittain (19995, p. 123) neste trecho:

Antes deste estágio, ela estava satisfeita com os movimentos, mas, agora, passou a ligar esses movimentos com o mundo à sua volta. Transferiu-se do pensamento sinestésico para o pensamento imaginativo. Usualmente, esta fase acontece por volta dos três anos e meio.

Nesta faixa etária a criança inicia um planejamento que antecede o seu desenho, ao rabiscar ela já tem uma ideia do que quer produzir, porém, também há casos em que ela é influenciada e tenta reproduzir algo que lhe foi proposto. Os resultados podem não ser de grandes mudanças visuais, mas é considerado um progresso para a criança, onde descobre novas possibilidades para colocar no papel o que está em sua volta ou até mesmo em sua imaginação.

Portanto, cada criança tem suas peculiaridades, algumas iniciam com uma ideia o desenho, mas acabam nomeando outra coisa, deixando sua primeira opção de lado e repentinamente transformando um gato numa árvore. A criança pode anunciar o que pretende desenhar, mas mudar de rumo com maior tranquilidade.

Sendo assim, cada desenho produzido passa a ser um possível meio de comunicação, a qual interliga o mundo da criança ao mundo adulto. O desenho é uma linguagem visual que une forma e conteúdo.

2.3. Pré-Esquemática de 4 a 7 anos

Nessa fase a criança acaba deixando lentamente seus rabiscos e seus desenhos vão ganhando forma, a mesma começa a interagir com o mundo a sua volta a partir de seus desenhos, eles passam a possuir significados mais expressivos para elas e o adulto consegue interpretar o desenho de uma maneira mais clara. É nessa fase que a criança acaba se relacionando com o desenho que acaba de criar e com eles o professor e os pais já conseguem analisar o processo intelectual que aquela criança se encontra.

As primeiras representações nos seus desenhos serão sua família ou até mesmo a si própria, nela a criança já consegue deixar visível cabeça, olhos, corpo, pés e braços, tudo de uma forma mais organizada, não mais como antes. A criança nessa fase segundo Lowenfeld e Brittain(1977, p. 152 -153):

[...] busca de novos conceitos, e seus símbolos representativos também mudam constantemente. Ela representará hoje um homem de forma diferente daquela como representará amanhã. Isto não só ocorre a respeito dos seus desenhos de homem, mas também da sua demonstração de casas e árvores. Mas, aos sete anos, a criança já terá estabelecido um esquema básico; os desenhos feitos pelas crianças da primeira série são geralmente identificados pela maneira como um objeto é repetidamente desenhado.

Ela irá aprimorar cada vez mais a sua produção gráfica, quanto mais interação ela tiver com o mundo que a cerca mais ricos de detalhes serão seus desenhos, passa então a ter uma relação entre pensamento e realidade.

2.4 Esquemática de 7 a 9 anos

A fase de produções esquemáticas relacionadas a crianças entre 7 e 9 anos, constroem uma ideia de que o desenho é algo flexível, contendo certas repetições de uma criança para outra, porém, como nenhum ser é igual ao outro, encontramos na produção gráfica de cada criança sua personalidade já amadurecendo, pois, a mesma demonstra, em seus desenhos, emoções e experiências.

De acordo com Lowenfeld e Brittain (1995, p. 183), vemos o conceito do que é o esquema na seguinte forma:

Encontramos o esquema puro, no desenho da criança, quando a representação se confina ao objeto. "Isto é uma árvore." "Isto é um homem." Contudo, quando se apresentam intenções que alteram as formas, já não falamos de esquema puro. Assim, o esquema puro, ou a representação esquemática, é um tipo de representação que não inclui experiências intencionais. Quando as experiências intencionais estão representadas, ou quando há modificações do esquema, sabemos que a criança retratou algo importante para ela.

A fase esquemática possibilita a criança demonstrar suas particularidades, tendo interesse pela análise de seus próprios desenhos, passando a fazer mudanças significativas para seu contínuo processo de desenvolvimento com relação a suas produções.

No momento em que a própria criança observa falhas ou alterações em seus desenhos, ela está se descobrindo com relação ao seu meio, espaço e expressão se relacionam, pois, ao desenhar seu auto-retrato percebe a real posição de cada membro que compõe seu corpo e como perceber o mesmo em um determinado espaço, da mesma forma quando registram outros objetos, pessoas, lugares etc.

Lowenfeld e Brittain (1995, p.184) afirmam que:

[...] quando a criança desenhar uma figura humana, mostrará um símbolo facilmente reconhecível. Ela retratará as diferentes partes do corpo, segundo seu conhecimento ativo dessas partes. Não só haverá cabeça, corpo, braços e pernas, como também algumas das diversas características particulares.

Nas tentativas de produzir uma figura humana, a criança utiliza de formas simples, algumas por coincidência até são geométricas, as quais se forem vistas isoladamente não possuem nenhum significado para o adulto.

Reafirmando o esquema humano Lowenfeld e Brittain (1995, p.185):

Evidentemente, no esquema humano, a criança não está tentando copiar uma forma visual, mas demonstra que adquiriu seu conceito, mediante a combinação de vários fatores: o processo mental, a conscientização de seus próprios sentimentos e o desenvolvimento de sua sensibilidade perceptual. Portanto, o esquema humano é altamente individualizado e pode ser considerado o reflexo do desenvolvimento individual.

Nesta fase, é onde se manifesta o esquema espacial, o qual se caracteriza pela atribuição de uma linha que sustenta o desenho sendo o primeiro passo a ser realizado. A referida linha pode representar não só o chão como também o lugar onde o objeto se encontra. Essa linha será sua base para dar continuidade a seus desenhos.

Para Lowenfeld e Brittain (1995, p.186):

[...] a linha de base parece ser uma indicação de que a criança se apercebeu das relações existentes entre ela própria e seu meio. Passa, então, a colocar tudo nessa linha, que pode representar, evidentemente, não só o chão onde os objetos estão colocados, como também, um piso, uma rua ou qualquer outra base em que ela mesma se situa.

Portanto, descobrir o espaço e descobrir-se nele, representa para cada sujeito uma experiência a um só tempo pessoal e universal. A partir dos primeiros movimentos físicos do corpo, a criança começa a ensaiar o espaço, a discerni-lo e a conhecê-lo, a vivenciá-la, vivenciando a si mesma, consciente e inconscientemente. São processos que se interligam ao próprio curso de estruturação da percepção consciente, às possibilidades de a criança sentir e pensar-se dentro do meio em que vive. O espaço é a vivência básica para todos os seres humanos. Tudo o que queremos comunicar sobre valores de vida traduzimos em imagens e signos no espaço.

3. O DESENHO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA ESCRITA.

Nancy Rabello (2019), em seu capítulo “Rabiscos, garatujas e traçados” explana que as primeiras maneiras de entender a criança são pelas garatujas, explicando que quando a criança pequena se comunica é por meio do choro, sorriso, birras e etc., e quando desenha a autora acredita que o registro feito por meio do desenho apresenta o estado emocional da criança.

Nesta fase, a garatuja segundo Rabello (2019, 33-34) “Nessa etapa, seus gestos instintivos dão origem ao desenho, e podemos perceber as linhas simples e curvas, as espirais e os círculos que mais parecem um emaranhado de fios.” A autora também aponta que no estágio comunicativo ou garatuja, que surge entre três a quatro anos, é caracterizado por uma imitação das produções dos adultos, que pode ser entendido como uma forma de escrever por meio dos seus desenhos. Mas podemos observar nessas garatujas alguns elementos exemplificados pela autora (2019) que são os traçados, a força usada, as cores que foram escolhidas, também a expressão da criança ao desenhar, como foi usado o espaço, etc.

É importante sinalizar que nessa fase o movimento é constante em qualquer atividade realizada pela criança, envolve seu corpo todo, sendo assim da mesma forma com o desenho ou com seus primeiros rabiscos como a autora vai evidenciar.

Rabello (2019), traz imagens de alguns desenhos que mostram a evolução da criança, nessa fase da garatuja, conforme as produções da criança ela vai criando uma autonomia nos movimentos, sendo mais fortes e em várias direções. Assim a garatuja vai apresentando rabiscos com linhas longitudinais e com ordenação ao mesmo tempo que o controle motor está se desenvolvendo. O gosto pelo desenho é nítido, a criança sente a satisfação, isso vai ocorrer mais ou menos aos dois anos e meio, conforme a autora.

Segundo Nancy Rabello sobre dois momentos a respeito da garatuja e dos rabiscos (2019, p. 35):

Pode-se perceber, então, nitidamente dois momentos diferentes quando a criança inicia a fazer garatujas e rabiscos. Em uma primeira etapa, os gestos comandam a produção. Isso significa dizer que os desenhos vão surgindo mediante os movimentos que a criança faz e, quase sempre, acontecem ao acaso. Estes gestos não são organizados, ocorrem sem a intenção de produzir este ou aquele rabisco. Já em um momento posterior, o olho consegue controlar o

movimento da mão. Sendo assim, há uma intenção , de ação, diferenciando os traçados. Não que deseje fazer desenhos figurativos e, sim, o olho orienta para onde deseja ir com o lápis.

Então, o primeiro momento se dá pelos gestos desordenados, a criança não tem a intenção de fazer tal rabisco, mas conforme ela vai desenhando, vai criando o desenho, ele vai se formando aleatoriamente. No segundo momento, a criança já controla seus movimentos, tendo o desejo de fazer a diferença entre os traçados, o olho mostra pra onde a mão deve ir.

De acordo com Rabello (2019) a criança ao entender que os movimentos realizados por ela não são iguais, a cada movimento surgirá uma nova forma, isso irá despertar nela o desejo de criar algo novo. E ao despertar o interesse, ao se sentir bem ao realizar tais registros ela vai começar a deixar marcas nas paredes.

Conforme a autonomia da criança, ao realizar seus gestos, o seu desenvolvimento motor está pronto para executar suas habilidades. A autora afirma sobre habilidades (2019, p.38-39)

Outro aspecto a ser levado em conta é o desenvolvimento da sensação e das habilidades sensórias é por meio dos órgãos, do sentido que a criança perceber as diferentes mensagens ,que vai recebendo do ambiente, do que gosta, do que não gosta, o que é agradável ou não.

Diante disso, a criança vai crescendo e desenvolvendo as relações afetivas com tudo que a cerca, vai expandindo sua visão sobre o mundo, vai se modificando, e irá perceber o mundo diferente.

A autora aponta que entre a garatuja e os rabiscos é significativo salientar sobre a maturação neurológica, portanto é necessário que a criança esteja madura para realizar garatujas ou andar.

Rabello sobre a maturação (2019, p.39):

A maturação refere-se às condições favoráveis para que a criança possa realizar alguns movimentos,é estar pronta, no caso do desenho, para segurar adequadamente o lápis. Esta maturação é semelhante aquela de que a criança precisa para se equilibrar, para trocar os primeiros passos.

Rabello (2019, p. 40) diz que “ A maturação é neurológica e acontece a seu tempo” Diante disso, em algumas crianças a maturação vai acontecer antes, sendo

assim, a autora vai complementar que tem algumas crianças que falam mais cedo do que outras, ou ao contrário, demoram mais para falar, por isso, varia de criança para criança.

A autora aponta a importância das garatujas básicas, pois elas originam o sistema que vai proceder muitos outros desenhos, e por isso a importância dessa fase para elas.

Conforme são feitos os rabiscos, outras formas vão surgindo como as circulares, como mencionado de acordo com suas relações, suas percepções vão mudando com o tempo, obtendo resultados dos movimentos realizados.

É importante ressaltar que Rabello vai trazer reflexões sobre o desenho, que mesmo que a criança, nessa fase desenha sem “intenção formal” (2019, p. 41), existem conteúdos que estão escondidos no traçar e rabiscar. A garatuja, embora se mostre como riscos sem significado para os adultos, seus desenhos estão cheios de imaginação e afeto.

Pelos três anos de idade, vai surgindo um movimento novo, que são os circulares, com seu crescimento e desenvolvimento, a criança vai compreendendo as formas de seus desenhos e relacioná-las com bichos que conhecem ou com outros objetos, brinquedos do seu dia-a-dia. Diante disso, ela já consegue nomear o que desenhou, essa fase como vai explicar Nancy Rabello (2019), chamada de rabisco acompanhado de fabulação, essa fase vai expressar que a criança começa a dar nomes a seus desenhos, podendo observar nessa etapa como a imaginação da criança é muito criativa.

Segundo a autora, começando uma nova fase, a criança vai começando a criar formas, nesse momento a criança tem a intenção de trazer elementos para seus desenhos, mesmo que ainda esteja na fase de rabiscos, apenas o fato de dar significado ao que desenha ou rabisca. Para Rabello:

Nessa etapa, ela já trabalha com alguns aspectos importantes para o seu desenvolvimento global como discernimento, distinção, qualificação. Já consegue separar por igualdade e diferenciação. Autores ressaltam a existência de representações de ação, que seriam alguns desenhos onde a criança vai trazer para o papel algum movimento simbólico como pulos de animais.(RABELLO, 2019, p.42-43)

Desta forma, a criança vai se desenvolvendo na mesma medida suas representações também vão se modificando, evoluindo, e por isso a criança vai desenhar conforme sua imaginação.

De acordo com Nancy Rabello (2019, p. 43) ao desenhar a criança usa:

Para realizar suas “obras”, a criança usa os recursos no seu imaginário, que envolve o projetar, o pensar, o criar e o imaginar situações ou formas, ou ainda ações, É, portanto, no desenvolvimento motor que vai buscar as possibilidades operacionais que envolvem este desenho.

Nas representações infantis podem-se notar os aspectos físicos, motores, espaciais, noções temporais, os materiais que foram usados em sua realização, toda uma operação, o esquema que a criança utiliza para criar seus desenhos, todos esses fatores são importantes.

Na perspectiva temporal acontece por meio do emocional e do tempo mental, e que é de acordo com cada criança em sua individualidade. O desenho vai se espaçar ou vai ser harmônico cada vez mais, nos desenhos os gestos vão se ampliando e com isso a criança também vai aprendendo como usar.

Nancy vai dizer sobre a noção de espaço da criança (2019, p. 44):

A noção do espaço está dividida em duas: a noção espacial que já possui de seu corpo no espaço, sendo que, a princípio, o espaço usado no papel tem a mesma amplitude do que têm seus gestos, seus movimentos; e a noção do espaço do papel que está à sua frente. Aos poucos vai ser harmonizando.

Essa noção de espaço, que a autora salienta, que ao rabiscar e fazer garatujas a criança ao desenhar, utiliza o espaço que tem de maneira aleatória, conforme desenha. Apenas quando começa a fazer desenhos figurativos, é que começa a dominar o espaço gráfico de forma apropriada. Então, por isso também devemos observar os desenhos e como ele está dividido para perceber se a criança já tem essa noção de espaço, para depois observar os símbolos que nele estão.

Rabello (2019) apresenta uma contribuição feita Rhoda Kellog, pesquisadora americana que desde 1970 estuda o grafismo de crianças, tendo observado mais de 300 mil desenhos, a mesma discute sobre a importância do papel em branco que não foi usado e que foram realizadas linhas na qual a criança vai inserindo a sua representação. Segundo Rabello (2019, p. 45).

Essa situação faz com que a criança inicie a noção de figura/fundo, sendo que a folha é o fundo e o que desenha será considerada a figura. Esta percepção é muito importante, por exemplo, pra o desenvolvimento posterior da leitura e da escrita, de parte e todo.

Essas noções adquiridas pela criança podem ser vistas em seus desenhos, em suas vivências de espaço, como frente/atrás, longe/perto, lados, conforme seu desenvolvimento ela vai representar em seu desenho, esses aspectos. Também o aspecto emocional, vai contar também em suas representações.

Vale ressaltar os aspectos que a Nancy Rabello (2019) ao discutir sobre os conceitos que são adquiridos nos desenhos, como: semelhante/diferente, pequeno/grande, longe/perto, todo/parte, dentro/fora, Rabello (2019) ao lembrar de Winnicott que compreende que a criança, em seu desenhos ainda na fase das garatujas, tem a vontade de dar significados e se afirmar no mundo.

Portanto, podemos entender que a criança no início de suas garatujas lá pelos dois anos em seus traços não diferencia os objetos em seus desenhos, isso porque a criança não tem a noção de como fazer com que os desenhos se pareçam com os objetos que desejam, mas foi observado que tem certa semelhança entre as formas com o que querem desenhlar. Por isso, quando a criança explica para o adulto o que quis representar é mais fácil de ser compreendido o que foi desenhado.

Na fase da rabiscação com fabulação, a autora complementa que a criança ao desenhlar imagina, fala, faz figurações, e é por meio do seu desenho que transmite seus pensamentos de certa maneira. Suas representações também são do mundo que as rodeiam, sua visão de mundo, acontecimentos pelos quais veem em seus pensamentos.

Diante disso, Marlene Alexandroff (2010) vai falar sobre os dois sistemas de representações, o desenho e a escrita e também sobre a importância de uma mudança de visão sobre os padrões, de maneira que se possa também enxergar a criança pelo que elas têm e não pelo o que carecem a elas.

Assim, o desenho no decorrer de todo processo de desenvolvimento da criança evolui conforme passa pelas etapas do desenho, de forma que vai estabelecer a criança no mundo.

De modo que autora vai trazer Pillar, que se baseia em autores como Ferreiro e Luquet, que relacionam a origem do desenho com o da escrita, no sentido de que

logo no início (quando começa a desenhar) o desenho é involuntário e a escrita se inicia como um desenho.

A autora vai relatar sobre os índices de aprendizagem que se apresentam baixos, um número alto de crianças está com dificuldades em relação à alfabetização, e existem vários motivos pelos quais isso ocorre.

Alexandroff (2010, p.21) vai citar que seriam elas:

Desrespeito às características etárias, sociais e psicológicas das crianças como sujeitos do aprendizado e aos conhecimentos prévios sobre o sistema de representação, tanto do desenho como da escrita, bem como o significado destas representações que elas trazem por viverem, desde que nascem numa sociedade cuja cultura dominante é a letrada.

Muitas vezes são deixados de lado alguns aspectos da criança, que deveriam ser considerados também com o objetivo de desenvolvimento do aluno e a forma como é colocada em prática por alguns professores acaba sendo inadequada de maneira que ao invés de ter pontos positivos, se tornam pontos negativos.

É evidenciado no decorrer da pesquisa que o desenho é a forma como a criança se desenvolve e aprende a representar suas experiências, pensamentos, desejos, e etc até chegar na escrita.

Esther Pillar Grossi (2010) na obra “Didática dos níveis pré-silábicos” entende que as artes plásticas desempenham uma função relevante nos níveis pré-silábicos, para a autora quando a criança se encontra no nível pré-silábico 1, a mesma não diferencia texto ou palavra de imagem. Nesse sentido, se faz mais que necessário a prática de atividades de artes plásticas com alunos oriundos de classes populares, por não terem tido a oportunidade de manusear, segundo a Grossi, livros, revistas etc, como as crianças da classe média e alta.

Esses níveis se originam a partir de estudos de Emilia Ferreiro que explica que a criança passa por um processo de aquisição de escrita baseado níveis de hipóteses: nível pré-silábico 1 e 2, nível silábico (com ou sem valor sonoro), nível silábico-alfabético e nível alfabético.

Portanto, nos níveis pré-silábicos, as atividades de artes plásticas devem centrar-se na prática regular do desenho e da pintura, ou seja, das representações sobre o plano. É de conhecimento, segundo Grossi (2010), que aprendizagens de expressão plástica são favorecidas pela sua prática regular, porém devemos

compreender que a eficácia se dá quando o professor planeja a atividade de artes a partir da caracterização da etapa em que se encontra cada aluno, já discutido no capítulo anterior, a fim de promover seu progresso. Para a autora (Grossi, 2010, p. 110):

Os alunos de nossas classes experimentais costumam chegar ao primeiro ano na fase da garatuja ou do pré-esquema. Parece-nos desejável que eles consigam todos chegar ao pré-esquema, vivenciando-o plenamente nos níveis pré-silábicos. Dizemos isso porque nesta fase a criança fecha a forma, isto é, consegue considerar uma parte do espaço como um elemento significativo. Este fato nos inclina a formular a hipótese de que a escrita do seu próprio nome também poderá vir a ter para ela sentido de uma representação. Por outro lado, o desenho assume melhor a dimensão representativa do que a garatuja, porque as crianças já pensam antes o que querem desenhar para depois executar o que pensaram. Na garatuja, é após terem produzido algo que elas associam significado.

Desse modo, o encaminhamento didático para facilitar a passagem da garatuja ao pré-esquema prevê que se dê mais atenção às crianças menos desenvolvidas; que priorizem as ofertas de materiais como papel, giz, lápis de cor, carvão, caneta hidrocor, etc, e que requer também atenção às reações para sugerir mudanças de material ou permanência de um material.

Outra sugestão é solicitar à criança que conte uma história na fase da garatuja, para fazer com que a criança analise as suas criações. Trabalhos em grupo também ajudam nas interpretações das criações com mais facilidade e de forma natural do que quando tem a intervenção de um aluno.

Portanto, a partir das artes plásticas e principalmente do desenho e as fases pela qual passa a criança, se faz necessário estabelecer vínculos para proporcionar um incentivo ao desenvolvimento da escrita e logo da alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos então entender que o papel do desenho e suas fases desempenham funções relevantes no desenvolvimento da criança que aprende a representar suas experiências, pensamentos e também se comunicar até chegar à escrita.

De forma que os autores estudados Vigotski e Lowenfeld vão compreender o desenho como espaço para criatividade, bem como o desenvolvimento de suas emoções, por isso a importância de uma educação artística.

Portanto, as artes plásticas e principalmente o desenho, constituem sempre um desafio quando os professores percebem a necessidade de trabalhar o desenho em sala de aula de forma a ampliar a criatividade, acuidade estética, motricidade da criança e principalmente a escrita.

Ao longo da pesquisa podemos perceber que a criança passa por diversas fases até chegar à alfabetização, uma dessas fases é a garatuja, sendo assim, é preciso saber respeitar os níveis de desenvolvimento de cada criança, proporcionando diversas atividades relacionadas ao desenho para identificar as fases de cada uma e suas possíveis dificuldades. Ao observarmos os desenhos de crianças, percebe-se o uso do espaço nas folhas, as cores utilizadas e o propósito expostos de acordo com a idade e a fase gráfica de cada criança, bem como a sua análise do desenho. Na sua obra intitulada “Reflexões sobre a Alfabetização”, a pesquisadora da área de alfabetização Emília Ferreiro apresenta uma relação entre o desenho e a escrita:

[...] e desenhar não é reproduzir o que se vê, mas sim o que se sabe. Se este princípio é verdadeiro para o desenho, com mais razão o é para a escrita. Escrever não é transformar o que se ouve em formas gráficas, assim como ler também não equivale a reproduzir com a boca o que o olho reconhece visualmente. (FERREIRO, 1985, p.55)

Portanto, quando a criança estiver desenhando ou escrevendo, estará expressando as suas ideias a respeito do objeto representado. Ainda segundo Ferreiro (1985, p. 10),

[...] a construção de qualquer sistema de representação envolve um processo de diferenciação dos elementos e relações reconhecidas

no objeto a ser apresentado e uma seleção daqueles elementos e relações que serão retidos na representação.

Para a autora é a partir dos quatro anos de idade, as crianças começam a distinguir desenho de escrita. Esta distinção permite que vejam desenho e escrita como objetos diferentes, pois para as crianças o desenho passa a representar a forma dos objetos e a escrita, o nome deles.

Sendo assim, o desenho é um instrumento importante para o processo criativo e também para a percepção do mundo que cerca a criança, e o papel do professor é ampliar práticas que incluam cada vez mais as artes plásticas e principalmente o desenho para que a criança desenvolva a motricidade fina e marca o desenvolvimento que caminha em direção da escrita.

O pedagogo tem um papel importante no desenvolvimento da escrita, pois a criança, desde da fase da garatuja como uma das formas de comunicação, faz com que professores reflitam a necessidade de planejar práticas que visem o contato dessa criança com materiais direcionados ao desenho e propor novas formas para facilitar no processo de ensino/aprendizagem da escrita.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. **Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita**. Construção Psicopedagógica, São Paulo-SP, 2010, Vol. 18, n.17, pg. 20-41

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do Grafismo Infantil**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

E BIOGRAFIA. Lev Vygotsky. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lev_vygotsky/ Acesso em: 20 de Janeiro de 2021.

FEDERIZZI, Roberta B.; CUNHA, Rosimar. Garatujas, evolução gráfica e letramento. **Revista Práxis**, Marau, v. 1, n. 1, Jan./Dez. 2015.

FELDMAN, Marina. **A arte e a Criança**: Fundamentos estéticos para a Educação Infantil. Monografia; (Especialista em Docência na Educação Infantil)– parceria entre o Ministério da Educação e Universidade Federal do Paraná; Orientadora: Prof^a. Andréa Bertoletti. Curitiba, 2013.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

GIL; A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas. São Paulo; 1987.

GODOY; A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo; 1995.

GROSSI, Esther Pillar. **Didática dos níveis pré-silábicos**. 10. ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2010.

LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1995.

LOWENFELD, Viktor. **A Criança e sua Arte**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LURIA, A. R. **O desenvolvimento da escrita na criança**. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem / Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; Trad. Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone- Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

LURIA, A. R.; YUDOVICH, F. I. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. José Claudio de Almeida Abreu (Trad.) 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

Monografias Plus. Viktor Lowenfeld. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/docs/viktor-lowenfeld-PKVSPXM575> > Acesso em: 20 de Janeiro de 2021.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

RABELLO, Nancy. **O Desenho Infantil**. 3. ed., Rio de Janeiro: Wack, 2019.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa de. **Psicogênese da Língua Escrita**: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. UNESP, São Paulo, 2010.

PAPANEK, Victor. **Arquitetura e Design**. Lisboa: edições 70, 1995.

PILLAR, A. D. **Desenho e construção de conhecimento na criança**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

SOUZA, M. D.R. **A expressão plástica infantil com ênfase na história da educação**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.18, p.80-92, jun. 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância** / L. S. Vigotski; tradução João Pedro Fróis; revisão técnica e da tradução Solange Affeche. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.